

Leila Miccolis & Herbert Daniel

JACARÉS & LOBISOMENS

dois ensaios sobre a homossexualidade



achiamé · socii

Claudio

2/20
17

Leila Míccolis
Herbert Daniel

JACARÉS E LOBISOMENS

dois ensaios sobre a homossexualidade

achiamé

Rio de Janeiro

1983

SO'LER
Compra - Venda - Troca
Livros - Revistas - Gibis
Rua Presidente Farias, 175
Centro - Curitiba - PR

JACARÉS E LOBISOMENS
dois ensaios sobre a homossexualidade

Copyright © 1983 by Herbert Daniel e Leila Míccolis

Esta obra foi editada em regime de co-edição com o SOCII —
Pesquisadores Associados em Ciências Sociais — RJ
Direitos reservados desta edição a
Edições Achiamé Ltda.

É vedada a reprodução total ou parcial desta obra
sem a prévia autorização da Editora.

Capa

Cláudio Mesquita

Revisão

Maria Cristina Britto

Composição

Linotipia Cordeiro

Edições Achiamé Ltda.

Rua da Lapa, 180 sobreloja

Tel.: 222-0222

20021 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Editor

Robson Achiamé Fernandes

Coordenação Editorial

Marcos Medeiros

Moacy Cirne

Assistente Editorial

Maria Cristina Britto

Gerente Comercial

Jaques Jonis Netto

“Mulher com mulher dá jacaré,
homem com homem, lobisomem”
(dito popular)

SUMÁRIO

- Intróito ou Pro-nomes Pessoais 9
- Os anjos do Sexo 13
- Grafias Bio-De/Gradáveis ou/A ou/Sa 19
- Crômica 29
- Notas Marginais 45
- Sexão da Revolução 56
- Prazer Gênero de Primeira Necessidade 69
- Eram as Lésbicas Marcianas? 73
- Diário de Bardo 79
- O Movimento Homossexual Brasileiro Organizado —
 Esse Quase Desconhecido 96
- Conclusão 110
- Anexo 114
- A Síndrome do Preconceito 121

Leila Miccolis

**PRAZER, GÊNERO DE
PRIMEIRA NECESSIDADE**



AOS QUE LUTAM —

“quem sabe faz a hora
não espera acontecer”

Geraldo Vandré

ERAM AS LÉSBICAS MARCIANAS?

“Não se persegue um grupo,
modela-se uma raça”

(Herbert Daniel)

Uma vez me perguntaram, numa entrevista: “o que é ser lésbica?”, e eu respondi, sem pestanejar: “deve ser um ser estranho, tipo marciano. Eu nunca vi uma”. Com isso, queria questionar a divisão da mulher em lésbica e não-lésbica. Queria dizer que não existe uma raça à parte, que as pessoas são pessoas, e homossexuais ou heterossexuais são os *atos* que praticam, não elas em si. Um “ser lésbico” ou um “ser heterossexual” deve ser coisa de um outro mundo, e por mais que se pareça conosco e fale a mesma língua, será um alienígena.

Para a concepção clássica, greco-romana, o que valia era o *eros* (em priscas eras, era o *eros*...), ou seja, o impulso sexual do sujeito, sem se importar com o objeto para o qual este impulso se dirigia (homens, mulheres, crianças, animais). Reduzir Safo a uma “lesbiana” é, além de má-fé, um anacronismo, porque não havia esta divisão na época. Safo nasceu no começo do século 6 a.C., teve uma educação intelectual primorosa, aos dezesseis anos já participava de uma conspiração contra o tirano Pitacos, o que lhe valeu o exílio, casou-se, teve uma filha, enviuvou, com vinte e seis anos fundou uma escola para jovens mulheres, foi considerada a “Décima Musa” por Platão, morreu aos cinquenta e cinco anos, e atualmente é conhecida não por sua intensa atuação sócio-política, mas apenas como “lésbica”...

Maria Carneiro da Cunha escreveu sobre ela: “sua casa de educação era baseada nos mesmos princípios de todas as associações culturais da Antiguidade grega, como, por exem-

plo, a academia de Platão. Algumas pequenas se dedicaram ao longo do tempo a questionar sobre a natureza do amor, mas é indiscutível que ele estava ligado a um culto de beleza física que sempre teve, para os gregos, um valor quase religioso. (...) Esta total liberdade de Safo, que nunca limitou o objeto de seus amores, paradoxalmente a tornaria hoje difícil de ser enquadrada em alguns movimentos lésbicos radicais atuais (os de escolha mão única). Na verdade, ninguém encarnou ou cantou melhor as potencialidades multiformes do Eros, irreduzíveis a qualquer classificação ou enquadramento”.

Este exemplo é bem característico da filosofia da época. Só no Cristianismo é que o conceito se inverteu, passando a ter o objeto do desejo mais importância do que a pessoa que o ama. Onde o grego via só erotismo (o impulso), o cristão avaliava o valor moral do ser anado. Para a Igreja, esta santa falocrata, o esperma é o bem supremo, e criminoso é quem o desperdiça (por isso até a masturbação é condenável). Nos *Contos de Canterbury*, filme de Pasolini, na cena em que o homem pratica sodomia com um rapaz, nota-se que ele, o “ativo”, é o queimado, enquanto seu parceiro nada sofre. É ele o único culpado por ter, inutilmente, esbanjado um líquido tão precioso quanto o petróleo para o mundo moderno...

Enquanto a prática dos atos homossexuais masculinos foi condenada em quase todo o Ocidente cristão, o lesbianismo quase não era mencionado na lei, simplesmente por ser caso de menor gravidade, não estando em jogo a seiva da vida... Sumariamente ignoraram-no... Assim, no século passado, na época da reforma do Código Civil na Inglaterra, ao permanecer a pederastia como crime, perguntaram à puritaníssima rainha Vitória sobre o homossexualismo feminino, e ela se limitou a responder: “isso não existe”. Para o vitorianismo, a mulher era tão assexuada, que seria impossível pensar que ela pudesse querer praticar um ato sexual com outra mulher, pois fazê-lo apenas com um homem já era obrigação por demais penosa.

A palavra homossexualidade foi usada pela primeira vez em 1869, por Benkert, médico húngaro, numa obra em defesa dos direitos homossexuais; em 1862, o alemão K. Ulrichs

escrevia um livro em prol do “uranismo” como o terceiro sexo. Finalmente, em 1897, outro alemão, M. Hirschfeld criou a primeira organização científica a apoiar os direitos dos homossexuais. Note-se que, na Alemanha, a pederastia enquanto crime era punida com grande severidade; se passasse à categoria de doença, possibilitaria a compreensão. Naquela época, portanto, tinha um significado histórico importante a inclusão do homossexualismo na categoria de distúrbios, era um modo de defender a vida de seus adeptos. Esta noção porém, que no século XIX se constituiu num avanço para as práticas homossexuais, hoje em dia não tem outra função senão a repressora.

O Código Civil Napoleônico (1804) foi o primeiro, no Ocidente, a descriminalizar os homossexuais. Por influência da França, o primeiro Código Civil Brasileiro, após a Independência, também segue esta orientação, ficando, portanto, um século na frente de muitos países, inclusive de alguns estados norte-americanos, onde a sodomia é um ilícito, condenável à morte ainda hoje em dia no Irã.

A esta altura vocês pensarão: mas se ela não acredita em homossexualismo, como vai explicar a necessidade de um movimento homossexual? Se este não existe, como haver então um movimento organizado para a liberação dele? Simples: embora negando esta divisão culturalmente inventada — homossexuais/heterossexuais — justifica-se o movimento porque, se a *sociedade* crê nesta divisão e discrimina os primeiros, eles têm direito a se organizarem e lutarem contra os preconceitos até mesmo provindos desta divisão.

Mais um detalhe: na época em que o movimento apareceu, não havia outro campo para questionamentos sexuais. Se o tema está na “moda” atualmente, não estava naquela época... Desde 1964, quando no Brasil se instalou o golpe militar com o seu enorme aparelho repressivo, as pessoas, impedidas de falarem diretamente sobre política, contornavam esta dificuldade, discutindo-a através de outras formas, e nada mais justo que elas dissessem respeito ao corpo, a vítima de torturas, espancamentos, maus-tratos e violências.

Na década de 70, os movimentos feministas tendiam a ver o sexo mais como uma característica biológica, em cima da

qual se davam as reproduções da mão-de-obra e do poder masculino. A grande inovação do movimento homossexual foi questionar esse biologismo reprodutor, mostrando aspectos da sexualidade diretamente ligados ao prazer. Até 79 só se podia debater sexualidade com este enfoque, repito, através do MH (movimento homossexual). Este era o único espaço aberto, a única brecha transformada em tribuna livre para se denunciar a manipulação político-econômica do corpo. E como a luta partidária, naquele tempo, parecia esvaziada por anos de repressão política, por palavras de ordens abstratas e porque assistimos ao desmoronamento de nossos projetos democráticos, o MH surgiu como uma nova opção política, na época realmente inovadora.

Uma pessoa condicionada a ser reprimida em seu prazer, desde a infância, será muito mais facilmente reprimida durante toda a sua vida. Isso com as mulheres ainda é mais visível, porque elas foram *educadas* para renunciar ao seu prazer, em prol dos filhos, do marido, dos outros. E *educação*, do latim “*e-ducare*”, significa “dirigir para”. De “*duca*” vem duque: o que comanda. Mussolini era chamado de “*il duce*”. Ou seja, a raiz da palavra educação tem sempre uma conotação autoritária. Inevitável. Mas, dependendo da estrutura da sociedade, esta autoridade será exercida de modo mais ou menos castrador. Para uma educação machista e patriarcal é necessário incutir nas crianças papéis diferenciados, segundo os sexos delas.

Margaret Mead, em seu livro *Sexo e Temperamento* (Ed. Perspectiva, São Paulo, 1979), ilustra muito bem o assunto, ao notar que como certos traços humanos foram socialmente designados para um único sexo, quando eles se encontram no sexo oposto, são tidos como “antinaturais” e significam desajustamento. “Às vezes, uma simples identificação com base no interesse ou na habilidade se traduzirá em termos de sexo e a mãe lamentará: ‘Maria está sempre trabalhando com os instrumentos de desenho de Jorge. Ela não tem interesses normais de menina. Jorge diz que é uma pena que ela não tenha nascido menino’. A partir deste comentário, será muito fácil Maria chegar à mesma conclusão. A criança censurada em sua escolha e acusada de ter as emoções do sexo oposto poderá

com o tempo adotar muito do comportamento socialmente limitado àquele sexo”.

Nas sociedades destituídas de uma rígida dicotomia sexual, as crianças são poupadas deste tipo de confusão muito habitual na sociedade ocidental. Naquelas, ao apresentar traços de comportamentos indesejados, diz-se: “não aja desta forma, as *pessoas* não fazem isso”; nós já dizemos: “não se comporte como uma menina”, ou “isso é coisa de menino”. Assim, incute-se uma eterna dúvida sobre o real sexo da criança, e isto fica muito patente nos comportamentos dos chamados machões, onde é constante a necessidade de afirmação, para si próprios e para os outros, de que são realmente homens, frisando: “com H maiúsculo”...

Wilhelm Reich também comentava que a energia sexual reprimida poderia ser canalizada para fins que o poder constituído considerasse úteis: a reprodução da mão-de-obra do trabalho, e, às vezes, em determinadas épocas, até de serventia para a guerra. Já se sabia, portanto, há longos anos, que conceitos como traição, monogamia, virgindade, taras, homossexualismo são culturais, e portanto apreendidos, manipulados, dirigidos (através da educação, inclusive); mas foi no movimento homossexual que se vivenciou a discussão desses conceitos através de uma prática de vida.

Também basicamente cultural, a luta do MH não era (nem é) para só abolir leis repressivas, nem para integrar os “coitados” na sociedade ou criar leis antidiscriminatórias; seu objetivo principal é a transformação da mentalidade da sociedade como um todo, para que haja mais prazer em tudo o que se faz, para que se respeite as diferenças de comportamento, sem que por isso a pessoa seja discriminada como doente, anormal, tarada, pecadora. A luta não é — como erroneamente se supõe — em prol dos “direitos homossexuais” mas da liberdade humana, porque não adianta apenas a mudança de um regime político — como em Cuba — onde os homossexuais continuam perseguidos e oprimidos, e as mulheres tratadas como “companheiras do homem” (palavras de um discurso de Fidel). Este aparente reconhecimento do seu va-

lor só serve para secundarizá-la e oprimi-la, transformando-a em satélite do astro de primeira grandeza.

Esta demagogia ideológica aparece em todos os sistemas políticos, seja qual for a época histórica. Se vocês querem uma prova, tentem adivinhar de quem é este trecho “primoroso”: “A mulher é por natureza e destino companheira do homem. Mas ambos são, por isso, não apenas companheiros da vida, mas também camaradas de trabalho. (...) O trabalho honra a mulher tanto quanto o homem. Mas a criança enobrece a mãe”. Acertou quem disse Adolf Hitler, no manifesto para a eleição presidencial de 1932. Este era o seu “Programa” e continua sendo o da maioria dos dirigentes políticos.

Tradicionalmente sempre foram as forças da direita (representadas pela Igreja, aristocracia, burguesia, poder constituído, etc.) que mais se posicionaram contra a liberdade sexual; mas, a partir da Revolução Francesa, e mais recentemente em meados do século XIX, com as revoltas proletárias européias e a constituição da esquerda, esta, mesmo criticando a direita em vários aspectos, herdou dela seu rígido moralismo sexual. Engels condenava as “repugnantes práticas da pederastia” entre os gregos e os “feios vícios antinaturais dos germanos” (veja-se *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, Ed. Vitória). Esta esquerda ortodoxa considerava como prioritária a luta político-social, e as reivindicações específicas como “menores” e até desmobilizantes em relação à luta principal. No Brasil, só no final dos anos 70 é que segmentos significativos da esquerda passaram a compreender que sexo não era apenas algo privado — feito entre duas pessoas e quatro paredes — mas também um instrumento de manipulação do sistema.

Aposto como muitos (como muitos? além do cacófono, um duplo sentido?) vão dizer: “esse palavrório todo é só para defender o bissexualismo. No fundo, ela o justifica porque não assume o que é, e não o faz por medo”. Se não creio em homo ou hetero, não acredito em bi, mais uma classificação inútil. Quanto ao argumento de um pseudo não-posicionamento por “medo” — tantas vezes sugerido pelos mais ingênuos — me parece que é sempre usado mais como provocação

agressiva do que como uma expressão da realidade. “Assumir” (esta expressão tomou quase uma conotação heróica) rótulos, só para *provar* coragem, me faz lembrar os métodos primitivos de iniciação sexual indígena, onde meninos e meninas passavam por verdadeiras torturas para mostrarem o seu valor...

Para mim, todas essas palavras — puta, lésbica, bicha, sapatão, fancha, pitomba, viado, corno, racha, bofe, foda, cabajo, caralho, saco, porra — só podem ser minadas por um comportamento libertário esvaziando seu sentido pejorativo e até ofensivo. Enquanto elas forem apenas usadas maquinalmente, sem uma ação coerente que as desmitifique, cada vez mais estarão reproduzindo estereótipos, e, daqui a pouco, assim como se fala numa “linguagem feminina”, vai começar a se induzir a uma linguagem “homossexual” — embora o gueto já fabrique vocábulos em profusão — e aí o separatismo estará consolidado. *Resgatar* palavras apenas pela repetição delas me parece ingenuidade ou utopia. Num país capitalista e consumista como o nosso, as únicas coisas que se *resgatam* são as notas promissórias... assim mesmo quando se tem dinheiro.

DIÁRIO DE BARDO

(Poemas, Notas, Recados, Trechos, Monólogos e Diálogos)

“Se falo em primeira pessoa é para escapar da política da abstrata pessoa ausente do discurso”

(Herbert Daniel)

Todos temos más-turbações e maus antecedentes. Também eu. Dos últimos, fiz um livro com este título. Das más-turbações, tornei-as boas, aos onze anos, mais ou menos, quando eu queria ser freira e me autoflagelava (pelo menos eu achava que era um flagelo) docemente, apertando meu sexo. Num livro de Guy de Larigaudie soube o nome deste ato, pe-

achiamé · socii

Leila Míccolis & Herbert Daniel

JACARÉS & LOBISOMENS

dois ensaios sobre a homossexualidade

Se é possível o ato de alegrar-se para uma entidade, e deve ser, pois a alegria das pessoas que a sustentam é, no fim e ao cabo, seu sentido, então o Socii está contente. O Socii se alegra seriamente ao participar da presente edição de *Jacarés & Lobisomens*, de Herbert Daniel e Leila Míccolis.

A alegria, aliás, é coisa muito da séria. Buscamos nos definir como "companheiros de ciência e de afeto", porque a ciência e o conhecimento não precisam estar contra o afeto. Ao contrário, o afeto e o carinho, sempre com as marcas da diferença e da desobediência, necessitam do conhecimento para conscientemente recusar a culpa, para decididamente enfrentar o medo.

A luta homossexual pelo direito à sua diferença e à sua desobediência, neste livro desenvolvida com humor, fatos, estilo e coragem, necessita do conhecimento para fazer a defesa do desejo, se colocando assim ao lado das demais lutas pelo direito às demais diferenças e desobediências.

Um passo político muito grande é dado, nos parece, quando da luta abstrata pela abstrata "igualdade" caminhamos à luta concreta pelas concretas diferenças, para que o ser diferente não mais implique ser superior, ou, ser inferior, mas implique, justamente, o ser — original, único, e especial para si mesmo e para alguém, ou alguéns.

Gustavo Bernardo